

***Lectio divina* do salmo 104**

Perspectiva ecológica

0. Momento de recolhimento

Reaviva, Senhor, nosso Deus, o teu Espírito em nós e renova a face da Terra, que foi habitada pelo teu Filho Jesus. Toca os nossos corações para responsabilmente mantermos limpa a Terra que a nossa fé vê como criada por ti. Ámen.

1. Leitura compreendida

1 Bendiz, ó minha alma, o SENHOR!

SENHOR, meu Deus, como Tu és grande!

Estás revestido de esplendor e majestade.

2 Estás envolto de luz como de um manto,

que estende os céus como um toldo.

3 Edificas sobre as águas as suas altas moradas.

fazes das nuvens o teu carro

e caminhas sobre as asas do vento.

4 Fazes dos ventos os teus mensageiros

e dos relâmpagos, teus servidores.

5 Fundaste a Terra sobre as suas bases,

para não vacilar nunca mais.

6 Tu cobriste-a com o manto do oceano

e as águas mantinham-se por cima das montanhas.

7 Com a tua ameaça, elas fugiram;

ao fragor do teu trovão, precipitaram-se.

8 Subiam para as montanhas e desciam às profundezas,

conforme o lugar que lhes preparaste.

9 Estabeleceste um limite para as águas não ultrapassarem

e não voltarem a cobrir a terra.

10 És Tu que envias a água das nascentes para os rios,
que correm por entre as montanhas.

11 Eles dão de beber a todos os animais do campo;
ali matam a sede os burros selvagens.

12 Por cima dos rios moram as aves do céu
e de entre as ramagens entoam o seu canto.

13 Tu regas as montanhas desde as tuas altas moradas.
A terra fica saciada com o fruto das tuas obras.

14 Fazes brotar a erva para o gado
e as verduras para benefício do homem.
Assim, retira ele da terra o seu pão

15 e o vinho que alegra o coração dos humanos.
Assim obtém azeite para fazer brilhar o rosto
e pão que lhe reconforta o ânimo.

16 Ficam satisfeitas as árvores do SENHOR,
os cedros do Líbano que Ele plantou.

17 Ali fazem os pássaros o ninho;
dos cedros faz a cegonha a sua casa.

18 Os altos montes são para as cabras,
os penhascos são o refúgio dos roedores.

19 A Lua procede conforme os tempos
e o Sol conhece o seu ocaso.

20 Tu estendes a escuridão e faz-se noite;
nela vagueiam todos os animais da selva.

21 Os leões rugem em busca da presa,
pedindo a Deus o seu alimento.

22 Nasce o Sol, logo se retiram,
para se recolherem nos seus refúgios.

- 23 Sai o homem para a sua tarefa,
para o seu trabalho até ao anoitecer.
- 24 Como são numerosas as tuas obras, SENHOR!
Tudo fizeste com sabedoria;
a Terra está cheia das tuas criaturas.
- 25 Eis ali o mar, grande e de vastas extensões,
onde se agitam, sem número,
animais pequenos e grandes.
- 26 Por ali andam os navios e o Leviatán,
monstro que formaste para com ele brincar.
- 27 Todos esperam de ti
que lhes dês o alimento a seu tempo.
- 28 Tu lho dás e eles recolhem-no;
abres a tua mão e ficam saciados do que é bom.
- 29 Se deles escondes o teu rosto, ficam perturbados;
se lhes retiras o alento, expiram
e voltam ao pó de onde saíram.
- 30 Se lhes envias o teu alento, são de novo criados.
E assim renovas a face do solo arável.
- 31 Que a glória do SENHOR seja para sempre!
Que o SENHOR se alegre nas suas obras!
- 32 Ele observa a terra e ela estremece,
toca nos montes e eles fumegam.
- 33 Quero cantar ao SENHOR enquanto eu viver;
tocarei para o meu Deus enquanto eu existir.
- 34 Que o meu poema lhe seja agradável,
pois no SENHOR está a minha alegria.
- 35 Desapareçam da terra os pecadores!
Que os malfeitores deixem de existir!

Bendiz, ó minha alma, o SENHOR!

Aleluia!

Este salmo é um hino de admiração e de louvor a Deus, contemplado como criador do universo e como providente: o poeta sentiu a riqueza e a beleza do universo como criação e providência de Deus e proclamou-as rezando. Descrevendo os sucessivos actos de Deus a fazer vir à existência os elementos do universo, o contemplativo segue a ordem da criação divina que também se encontra em Gn 1 (sublinhámo-los): a luz, os céus, as águas, a Terra sobre as suas bases, o oceano/abismo, os animais do campo, as aves do céu, as plantas e as árvores, a lua e o sol, a noite, o dia (“nasce o sol”), o ser humano e o trabalho, o mar, os monstros marinhos; e ainda a vivificação do homem com o alento divino e o seu regresso ao húmus do solo arável, que também se descrevem em Gn 2-3. Estão aqui reunidos todos os elementos que hoje são objecto das preocupações ecológicas. Mas não era uma antevisão do *hoje*. A linguagem mítica do antigo Próximo Oriente imaginava sobre as nuvens e sobre o firmamento dos céus um grande oceano, de água doce, pois era de lá de cima que caía a chuva (Gn 1,7; Sl 148,4). Acima das águas superiores imaginava a morada de Deus. Mas, quando o salmo 104 diz que “as águas se mantinham por cima das montanhas... para as águas não voltarem a cobrir a Terra”, faz alusão ao relato do dilúvio e ao seu fim, em Gn 6-9. Evocando os monstros marinhos míticos referidos por Gn 1, o salmista menciona o Leviatán, como formado por Deus para se divertir com ele, significando assim o seu domínio também sobre ele, rebaixado à condição de criatura. Este motivo mítico aparece na literatura de Ugarit com o nome de Lotan, de sete cabeças. Representa a simbólica indeterminação primordial ou as forças do caos que resistem à acção do criador. Na literatura de Canaã e na Bíblia, assume várias formas: serpente tortuosa e fugidia (Jb 25,12-13), dragão do mar (Is 27,1); crocodilo (Jb 40,25-41,26). Portanto, o salmo 104 parece mais recente do que as narrativas de criação no Génesis e, nesse caso, prolongaria a meditação feita por elas. Lá é narrativa contemplativa; no salmo é oração e louvor contemplativo, como eco amplificado da aclamação litúrgica dos simbólicos serafins de Isaías: “Santo, santo, santo, o Senhor dos exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (6,3), isto é, a Terra revela Deus e proclama a sua existência.

Este hino, peça encantadora da arte literária, está em tom meditativo. Descreve em pormenor a vida quotidiana do universo, percebida como resultado da acção criadora de Deus e do cuidado com que Ele o governa. Semelhante compreensão da vida do mundo com estes sentimentos encontra-se noutras literaturas e culturas religiosas do antigo Próximo Oriente. Uma marca dessa espiritualidade é o hino muito semelhante que o faraó Amenófis IV do Egipto dedicou ao seu deus solar Aton, ele que mudou o nome para Akenaton («incarnação de Aton»). Tanto o salmo 104 como o hino, com um paralelismo que chama a atenção dos eventuais orantes, exprimem um fundo comum da espiritualidade do antigo Oriente. O hino ao deus Sol Aton, composto em meados do séc. XIV a.C., foi considerado fonte inspiradora do salmo 104. Inegavelmente, têm parecenças assombrosas, especialmente nos vv. 10-23 e 27-30 do salmo.

Levantas-te esplendidamente no horizonte do céu, Disco (Atón) vivo, origem da vida. Brilhas no horizonte oriental e encheste a Terra inteira com a tua beleza. És belo, grande, resplandecente, alto por cima de todos os países. Os teus raios abraçam as terras até ao confim daquilo que criaste. Tu és o Sol (Re). Tu chegas aos seus limites... Todos os leões saem dos seus esconderijos... Quão numerosas são as tuas obras, misteriosas ao entendimento! Oh deus único, sem igual! Estando só, Tu criaste a terra segundo os teus desejos: todos os homens, os rebanhos e os animais selvagens que há na terra e andam com patas, e todos os que estão no alto e voam com as suas asas... (Os seres da) Terra vêm à existência pela tua mão, tal como os fazes. Se te levantas, vivem; se te pões, morrem...¹.

Provavelmente, um e outro entoam quase em uníssono um canto de alegria e de admiração perante a beleza, a variedade e a maravilha do cosmo, apresentado como criado. Apesar da semelhança dos motivos, das comparações e dos temas – criação do mundo, bênção da água, beleza da sucessão da noite e do dia e da conservação da vida – os paralelos entre os dois poemas não são tão próximos ao ponto de se poder dizer que o hebraico seja uma versão do egípcio. Mas deve ter havido uma influência livre do poema egípcio no salmo pela via sapiencial, especialmente da época de Salomão, quando houve entre Israel e o Egipto um intenso e fecundo intercâmbio cultural (Salomão casou com uma filha do faraó: 1Re 3,1). Mas respondem ambos a modelos que se encontram também noutros textos, embora mais organizados e amplos no hino egípcio e no salmo 104. Ambos integram no universo o ser humano: pequenino face à grandeza de Deus e do cosmo, agiganta-se ao tomar consciência dele, ao participar de tais maravilhas e ao poder gozar e cuidar delas carinhosamente. Isto está a montante da ecologia e supera-a: não suporta que se deixe estragar a Terra.

Hoje, graças às ciências, à cosmologia, à astronomia, à física e à astrofísica, à antropologia e à biologia, a maior parte das sociedades passou a ter uma concepção do mundo desligada do religioso, vendo-o regido por leis imanes aos seres, com autonomia própria. Não aceita a «hipótese Deus» ou o «factor Deus» para explicar os fenómenos naturais: a chuva e as tempestades, os ventos, relâmpagos, trovões e *tsunami*... têm uma explicação científica, que exclui a intervenção de Deus como supérflua e ilegítima. Insistir no contrário poderia até prejudicar a credibilidade da fé. E as ciências que assim afirmassem a existência do mundo e o seu começo material como explicáveis, por exemplo, pela ciência astrofísica sem precisarem de Deus como causa para começarem a existir fisicamente teriam razão se se mantivessem no seu próprio campo da ciência e não entrassem no campo da fé e da Bíblia. De facto, a existência do universo pode explicar-se por si mesma enquanto materialidade física palpável. Mas a visão que as narrativas bíblicas de criação (em Gn 1-11) e o salmo 104 dão do universo, tão legítima e necessária como a das ciências, é diferente. É a ‘explicação’ possível à fé; é a interpretação antropológica e religiosa do mundo presente feita pela perspectiva da contemplação. Quando o salmo 33,6 confessa que “pela palavra do Senhor foram feitos os céus” e o salmo 104 contempla Deus como criador, contando que Deus “fundou a terra sobre as suas bases”, “preparou um lugar para as águas” e “estabeleceu um limite para as

¹ Texto em: J. TREBOLLE BARRERA – S. POTTECHER, *Libro de los salmos* (Estructuras y procesos: Religión; Trotta; Madrid 2001) 163-164.

águas não o ultrapassarem e não voltarem a cobrir a terra” (vv. 5.8-9) ou que Deus “plantou os cedros do Líbano” (v. 16), não faz a afirmação factual de que o mundo começou a existir materialmente por uma ordem de Deus, como se estivesse a fazer a acta do que sucedeu no *começo* do universo. Não explica o modo como, quando e em que circunstâncias começou a existir. ‘Explica’ o seu presente histórico e o dos seus contemporâneos, sugerindo que o sentido do universo é Deus. Não faz *física*, faz *metafísica*, isto é, procura ir para além da física, apontando para o transcendente, para o invisível Inefável, contemplando Deus como criador do universo.

Estas subtilezas sugerem que as leituras literalistas tanto das narrativas de criação como do salmo 104 geram problemas na profissão de fé em Deus criador. Num comentário de 2001 aos salmos de criação lemos: “Foi Deus quem *criou* todas as coisas. Mas deu-lhes as suas leis (cf. Sl 149,6), que Ele respeita e só ocasionalmente, por motivos que Ele sabe, ultrapassa fazendo *milagres*”². Esta forma de nos expressarmos supõe que Deus fez mesmo o mundo materialmente a partir do nada (como se entende no Ocidente). Mas então, se fôssemos coerentes, deveríamos perguntar: porquê não o fez mais perfeito evitando a existência do mal físico? Porquê permite a erupção dos vulcões e os terremotos que matam pessoas (v. 32)? Porquê não parou as chuvadas repentinas que mataram dezenas de pessoas na Europa e na Turquia neste Verão? E se fez o mundo materialmente, como o fez? Como se narra em Gn 1 ou como se narra em Gn 2-3 ou como canta o salmo 104? O problema de linguagem aqui subjacente pode marcar o início da pergunta religiosa ou do aprofundamento religioso em jeito de conversão ou de uma atitude ateia. Até podemos descobrir que as três atitudes se complementam, havendo um não sei quê de mistério na atitude ateia e alguma ilusão na atitude religiosa literalista.

Qualquer que seja a conclusão a que cheguemos na leitura meditada deste salmo que se encanta com Deus criador, podemos contar com dados certos. Originariamente, o vocabulário de *criação* não está ligado à ideia de *começo*. *Começo* tem a ver com o início físico das coisas. *Criação* pertence à ordem do *sentido* e vê-O em Deus; tem a ver com o sentido invisível das coisas ligando-as a Deus; responde a uma pergunta de absoluto e a uma necessidade de transcendência. *Criar* não descreve uma acção objectiva com que Deus teria tirado o mundo do nada ou de matéria preexistente e dado existência física à humanidade por evolução ou de uma assentada, num preciso momento; nem significa um fenómeno humanamente constatável; nem se coloca como o primeiro dos muitos fenómenos naturais que vieram a compor a expansão do universo, descritos no salmo. *Origem* e *criação* são a razão última do ser do universo e da humanidade. São a condição e a estrutura que constituem o ser das coisas e dos fenómenos, o fundamento da existência das pessoas e a sua essência. São o *princípio* pelo qual as coisas são o que são, distinguindo-se também da *causa* eficiente e directa de tudo o que existe. Pôr o salmo 104 a cantar a criação do mundo e da humanidade por parte de Deus é um acto de intuição e de fé, com um discurso que é da ordem do espírito e representa por imagens o que os olhos da fé vêem. Para o salmista e para a Bíblia, a criação é *acontecimento teológico* das origens, colocado antes do tempo e de qualquer ser humano para dar sentido ao presente.

² Cf. R. LLAMAS, “La experiencia de Dios en los salmos”, *Revista de espiritualidad* 60, n.º 238 (2001) 41 (veja pp. 7-48).

O salmo 104 faz não só teologia da criação mas também teologia da *Providência divina*: põe o Deus *transcendente*, soberano do universo e Senhor da história, a acompanhar a sua criação e a cuidar de cada ser, a dar de comer aos animais selvagens em cada noite que passa, a revestir com um vestido novo os campos em cada Primavera, a estar ou a tornar-se presente em tudo o que vai acontecendo no desenrolar dos fenómenos e das leis da natureza, como director de orquestra que segue atento e conduz a execução da sinfonia do universo: “Senhor, meu Deus, como Tu és grande! Estendes os céus como uma cúpula... Fazes das nuvens o teu carro / e caminhas sobre as asas do vento... Tu envias a água das nascentes para os rios... Fazes brotar a erva para o gado e as verduras para benefício dos humanos... Tu estendes a escuridão e faz-se noite; nela... os leões rugem em busca da presa pedindo a Deus o seu alimento... Senhor, tudo fizeste com sabedoria; a Terra está cheia das tuas criaturas... Todos esperam de ti / que lhes dêes o alimento a seu tempo... Abres a mão e ficam saciados de bens... Se lhes retiras o alento, expiram e voltam ao pó de onde saíram... Que o Senhor se alegre nas suas obras! Ele observa a Terra e ela estremece, toca nos montes e eles fumegam”. Nesta contemplação da vida humana, animal, vegetal, natural e cósmica, como se fizesse um filme sobre a ecologia integral, em que todos os elementos do cosmo estão interligados e interdependentes e em que transcendência e imanência estão equilibradas, este excepcional cantor do esplendor divino integra também os grandes fenómenos cósmicos que são os terremotos e a erupção dos vulcões. Passando os olhos pelo que via na natureza, não via simplesmente: com a fé ligava tudo a Deus, mantendo-o transcendente, sem o identificar com a natureza. O seu olhar não é um simples *garder*: é um *regarder*, com atenção e emoção.

2. Contemplação

A espiritualidade da criação, isto é, a perspectiva da fé que vê Deus a criar tudo o que existe, percorre toda a Bíblia como seu substrato subliminar, desde a sua primeira página até ao último livro, onde lemos: “[Deus] criou o céu e tudo o que nele existe, a terra e tudo o que nela existe, o mar e tudo quanto nele existe” (Ap 10,6). Por isso, é compreensível que os salmistas cantem e expressem na sua oração essa experiência que tiveram de Deus: contemplaram-no como Aquele que dá sentido último a todas as coisas e à existência humana, Aquele sem o qual a existência humana seria uma vida sem alma, uma vida desalmada, um deserto inabitável, com a cor do insuportável. A visão de Deus como fonte e origem de tudo contempla o mais fundo, aponta para o mais alto: que Deus é *o tudo* de cada coisa e do ser humano, é o *Ser* do *ser* deles. O cantor do salmo 104, grande contemplativo habituado a ver Deus em todas as coisas e a ver todas as coisas à luz de Deus, afirmou Deus como criador do universo e da humanidade: olhando para o sol e para a lua, para os torrões empapados pela chuva, para a alegria da passarada e para o arvoredo verdejante, a fé exprimiu a contemplação contando que Deus os fez.

Contemplando as coisas como criadas e conservadas por Deus, a fé vê-as a falarem d’Ele e a projectarem para o exterior o ser d’Ele, tornado também objecto de

contemplação. Este salmista junta a sua voz à do salmo 19,2-7: “Os céus narram a glória de Deus, / o firmamento apregoa a obra das suas mãos”. Com a mesma elevação, S. Agostinho contemplava:

Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: «não somos o teu Deus; procura acima de nós»... Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas e dizem-me: «nós também não somos o Deus que procuras». Disse a todos os seres que rodeiam as portas da minha carne: «já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me ao menos alguma coisa a seu respeito». E exclamaram com voz forte: «Foi Ele que nos fez». Eu interrogava-as com o meu olhar, elas responderam-me com a sua beleza³. “Se alguém as ouvir, todas essas coisas dizem: «Não fomos nós que nos fizemos a nós mesmas, mas fez-nos aquele que permanece para sempre»”⁴.

Em linha com estes poetas enquadra-se o poeta contemplativo João da Cruz, que porá a alma enamorada do seu Esposo a perguntar à natureza e a receber resposta dela:

– Ó bosques e espessuras
plantados pela mão do meu Amado!
Ó prado de verduras,
de flores esmaltado,
dizei se Ele por vós terá passado!

– Mil graças derramando
Passou por estes soutos com pressura.
E, assim indo-os olhando,
Só com a sua figura
Vestidos os deixou de formosura.

– Meu Amado, as montanhas,
Os vales solitários, nemorosos [com espesso arvoredos],
As ínsulas estranhas,
Os rios rumorosos,
O sibilo dos ventos amorosos⁵.

Contemplar a natureza como criação divina! Mas João da Cruz ainda eleva mais a visão:

Esquecer-se do criado,
Memória do Criador,
Atenção ao interior
E estar amando o Amado⁶.

O mesmo João da Cruz reflectia: “Um só pensamento do homem vale mais que o mundo inteiro. Portanto, só Deus é digno dele”⁷.

³ *Confissões* X,6,8-10.

⁴ *Confissões*, IX, 10, 25.

⁵ *Cântico espiritual*, 4-5.14: em *Obras completas* (Edições Carmelo; Marco de Canaveses 2005) 540-542.

⁶ *Poesias*: em *Obras completas* (Edições Carmelo; Marco de Canaveses 2005) 82.

⁷ *Ditos de luz e amor*, 34: em *Obras completas* (Edições Carmelo; Marco de Canaveses 2005) 89.

Esta capacidade de encantamento do salmista perante a beleza do mundo e a onnipotência de Deus devolve aos ecologistas o olhar contemplativo. De facto, não é simplesmente nas coisas em si que está a beleza, como se ela fosse um seu atributo. A beleza delas em grau superlativo está dentro de nós que olhamos; em boa medida, é reflexo do nosso mundo interior. Assim o exprimia Fernando Pessoa: “É em nós que as paisagens têm paisagem... O que vemos não é o que vemos, senão o que somos”⁸. Já o Talmude judaico, que depois teve ecos em vários poetas, o tinha anotado: «Não vemos as coisas como são; vemos as coisas como somos». A beleza está na capacidade de a mente e a fé a contemplarem: resulta da contemplação e só se dá a quem lhe concede tempo para a saborear. Através dela dá-se o absoluto ao contemplativo; nela acontece uma experiência de absoluto. Ela suscita o desejo de entrarmos no seu domínio transcendente.

A fé, que é interpretativa, aprofunda a compreensão da natureza e medeia a revelação de Deus na natureza. O salmo 104 é uma imagem do mundo, contemplado à luz de Deus. É um convite a contemplar no mundo uma abertura para o Transcendente, a ter pensamentos que acrescentem luminosidade às estrelas e beleza ao mundo⁹. Uma mensagem viva que emerge do salmo convida o crente e o não-crente a serem poetas e contemplativos, o melhor princípio para serem bons ecologistas: convida-os a aprenderem a ligar a terra com o céu, o homem com Deus. Fernando Pessoa terá porventura sentido algo desta pureza ecológica:

“«Porque eu sou do tamanho do que vejo / E não do tamanho da minha altura». Frases como estas... limpam-me de toda a metafísica que espontaneamente acrescento à vida. Depois de as ler, chego à minha janela sobre a rua estreita, olho o grande céu e os muitos astros, e sou livre com um esplendor alado cuja vibração me estremece no corpo todo. «Sou do tamanho do que vejo!» Cada vez que penso esta frase com toda a atenção dos meus nervos, ela parece-me mais destinada a reconstruir consteladamente o universo. «Sou do tamanho do que vejo!» Que grande posse mental vai desde o poço das emoções profundas até às altas estrelas que se reflectem nele e, assim, em certo modo, ali estão [no poço]. E já agora, consciente de saber ver, olho a vasta metafísica objectiva dos céus todos com uma segurança que me dá vontade de morrer cantando. «Sou do tamanho do que vejo!» E o vago luar, inteiramente meu, começa a estragar de vago o azul meio-negro do horizonte. Tenho vontade de erguer os braços e gritar coisas de uma selvajaria ignorada, de dizer palavras aos mistérios altos, de afirmar uma nova personalidade alargada aos grandes espaços da matéria vazia. Mas recolho-me e abrando-me. «Sou do tamanho do que vejo!» E a frase fica sendo-me a alma inteira, encosto a ela todas as emoções que sinto, e sobre mim, por dentro, como sobre a cidade por fora, cai a paz indecifrável do luar duro que começa largo com o anoitecer”¹⁰.

Até parece que Pessoa, antes desta tirada, tinha repassado o salmo 104: “Meu Deus, como Tu és grande!” Com esta visão do mundo e da vida humana, o salmista que «chega à sua janela... e olha o grande céu» num horizonte de alegria, de assombro e de espanto, deixa sair um desejo ou desabafo final: neste mundo ecologicamente equilibrado não deveria haver lugar para a malfeitoria e para o mal, que destoam da harmonia cósmica

⁸ *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares: Fragmento 451 da edição *e.book* luso-livros.net.

⁹ Cf. Fernando PESSOA, *Alguma prosa* (Editora Nova Aguilar; 1976).

¹⁰ *Livro do desassossego*, fragmento 46.

expressa neste hino de louvor ao criador do universo e providente. É neste espírito que se entende o último versículo: “Desapareçam da Terra os pecadores! / E não existam mais os malfeitores! / Bendiz, ó minha alma, o Senhor!”. O louvável desejo, impossível de se concretizar por falta de vontade dos humanos, fica temperado com o apelo a “bendizer o Senhor”, que será assumido por Jesus, o supremo contemplativo: “Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da Terra” (Mt 11,25).

3. Meditação: em vista da acção

Que quer dizer o salmo 104 às **preocupações ecológicas** de hoje?

A contemplação da natureza por parte do poeta soa como autêntico programa de educação ecológica integral. O salmo contribui em grande para a fundamentação bíblica da ecologia integral. Os seres que povoam o universo aparecem integrados numa totalidade de sentido estreitamente interrelacionadas e todos dependentes do seu criador providente para viverem e sobreviverem. Se a crise ecológica também resulta de uma visão que isola os seres uns dos outros, as soluções ecológicas integrais, defendidas pela encíclica *Laudato si'* (n.º 139) e pelos ambientalistas, já são favorecidas pela mundividência integradora do salmo 104, ao contemplar e ligar todas as coisas em Deus como seu criador e cuidador.

Também com o salmo 104, sentimos que uma boa forma de manter limpa a Terra é uma *ecologia espiritual*. A espiritualidade integral do salmo, ao contemplar a natureza como *criada*, inclui simpatia e empatia para com ela: gera encanto perante a sua beleza e suscita respeito perante a Terra. Vendo a origem de tudo em Deus, põe-lhe o selo de ‘respeitável’ (LS 69). Se tudo no universo mental dos orantes do salmo 104 for harmonia, transparência e abertura à sublime transcendência suposta pelo salmo, não terão espaço para deteriorar, esbanjar, desperdiçar e contaminar o ambiente que respiram. Se pela fé virem a natureza como tendo origem em Deus e como cuidada por Ele, numa postura condizente não a tratarão como aterro do lixo que produzem. A visão espiritual da natureza, expressa no salmo, inculca espírito de fineza e delicadeza para com ela. Matar a ternura para com a natureza fere a própria espiritualidade. Se o salmo confessa um Deus (Senhor) do mundo, é lógico procurar um mundo de Deus e tratá-lo com desvelo, como sendo de Deus e como Ele próprio o trataria. Quem comunga da fé do salmista sente uma profunda inserção no mundo que contempla como *criado*, pensando que considerá-lo *criatura* não supõe diminuição mas antes elevação da dignidade das pessoas e da bondade das coisas.

A sua contemplação como criaturas até coloca o contemplativo a montante da ética, pois torna-o mais responsável pelo mundo do que qualquer consciência moral o tornaria. A ecologia, antes de imposição ética, é questão de espiritualidade, porque os níveis de espiritualidade de cada um de nós reflectem-se nas nossas intervenções pessoais relacionadas com a Terra. A espiritualidade, redescobrimo o mistério de Deus na ilimitada beleza do mundo natural, despoleta atitudes e acções ecológicas. Digamo-lo sem rebuços: a crise ambiental é basicamente uma crise de espiritualidade. Depois também é

questão de cultura: por exemplo, na Alemanha ou na Suíça, depois de um piquenique no bosque os papéis e os plásticos que sobram não se deitam para o chão (apesar de ninguém ver), como era habitual nas regiões do sul da Europa. No Japão não há contentores de lixo nas ruas, sempre limpas: cada pessoa leva para casa o lixo que produz.

O salmo valoriza muito a vida animal e vegetal e a atenção de Deus a ela. Aniquilar uma sua espécie é silenciar uma voz do delicado e afinado coro constituído pelos seres do universo; é tomar a atitude oposta à do contemplativo que no salmo 104 viu as miríades de estrelas e os corpos celestes, os mares, os rios e os continentes, as espécies de árvores e plantas, as expressões de vida no mar, os animais das florestas e os pássaros no ar como obra de Deus e, portanto, digna de reverência. Educado à contemplação pela linguagem do salmo 104 e de outros salmos de louvor à criação, o orante abre-se tanto a Deus como ao semelhante e à natureza, criador e criaturas.

Do ponto de vista da espiritualidade da criação, a ecologia integral não se pode ver como um capricho ou uma mania de ambientalistas e activistas. Está no centro da mensagem bíblica e cristã. Não pode ser uma preocupação passageira ou oportunista por causa da notoriedade mediática. É uma causa que deve envolver as instituições, as paróquias, a catequese, as escolas, os hotéis e restaurantes, as famílias, a vida pessoal, para urgentemente alterarem padrões de consumo. De facto, o **6º Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas**, publicado ontem, dia 9.8.2021, é peremptório, por constatação incontestável e consensual entre os cientistas: a degradação da vida no planeta é acelerada pela acção humana e nós já estamos atrasados na revisão dos nossos estilos de vida; estamos a perder a batalha contra as alterações do clima para pior. E avisa que seremos inevitavelmente nós a sofrer as consequências dos desequilíbrios que causamos na natureza (quem te avisa teu amigo é). A emissão de gases com efeito-estufa e as alterações climáticas, relativamente às quais soaram os alarmes de emergência, são um grito que apela à alteração dos maus comportamentos das pessoas e à responsabilidade dos governos.

A publicação do Relatório causou algum impacto na opinião pública. Para manter o tema na ordem do dia, sem o deixar arrefecer, reze o salmo 104. Se uma paróquia em Portugal está a preparar a recitação ecológica do Terço, porquê não recitar os salmos que são fundamento bíblico para uma ecologia integral (8, 18, 19, 29, 33, 65, 147, 148)?

O salmo 104 é um dos textos com que a *Laudato si'* se sente à vontade, sintonizada e fundamentada. É uma espécie de paradigma daquilo que a encíclica papal propõe e inspira: o louvor da Terra e a aclamação de um estilo de vida sustentável e sustentada. O Papa Francisco abriu no dia 25 de Maio de 2021 um “caminho”, um itinerário de “sete anos”, intitulado «Plataforma de Acção *Laudato Si'*», para que todas as comunidades católicas “se tornem totalmente sustentáveis, no espírito da ecologia integral”. Terminado no dia 25 de Maio o «Ano *Laudato Si'*» que ele tinha convocado, deixa o compromisso de até 2030 a conversão ecológica continuar a marcar a vida dos cristãos (e não só). O desafio foi lançado, em particular, a sete realidades: famílias; paróquias e dioceses; escolas e universidades; hospitais; empresas e negócios agrícolas; organizações, grupos e movimentos; institutos religiosos. O salmo é um convite e um desafio a **cuidar da casa comum**, de tudo e de todos. A partir da espiritualidade do salmo, a relação dos humanos com a natureza só pode ser de encantamento, deslumbramento e respeito.

Se a humanidade vivesse segundo o espírito do salmo 104, a Terra e o mar não estariam no estado lastimoso em que estão, subindo deles o clamor pela mudança de paradigma na vida dos humanos. O que é cantado e exaltado pelo salmo é a biodiversidade e a natureza em estado puro, onde só há espaço para o louvor, pois não há problemas ambientais. Entrando no espírito desta elevação, já ninguém ousaria inquinar “o oceano..., as águas..., as montanhas..., os rios..., as árvores”.

4. Oração

Propomos a oração final da *Laudato si'*. Aqui só algumas petições:

“Deus onnipotente..., cura a nossa vida, para que protejamos o mundo e não o depredemos, para que semeemos beleza e não poluição nem destruição... Ilumina os donos do poder e do dinheiro para que não caiam no pecado da indiferença, amem o bem comum, promovam os fracos e cuidem deste mundo que habitamos... Louvado sejas! Ámen”.